



*Ana Lúdia: uma tragédia aos 7 anos*

## ***Paz da cidade***

## ***é sepultada***

## ***com Ana Lúdia***

Brasília nunca mais foi a mesma depois que o corpo da estudante Ana Lúdia Braga, então com sete anos, foi encontrado na tarde do dia 12 de setembro de 1973. "Era uma cidade das crianças, da tranquilidade; depois de Ana Lúdia passou a ser a cidade da polícia, do medo", analisa o promotor Temístocles de Mendonça Castro, um dos vários representantes do Ministério Público que acompanharam o extenso processo de 2 mil 932 folhas, que hoje repousa empoeirado nas prateleiras da 7ª Vara Criminal do Plano Piloto.

Sem dúvida foi um dos crimes que abalaram a capital do País, pelas atrocidades a que foi submetida a estudante e pelo claro encaminhamento para a prescrição processual. Há muito tempo a polícia não encontra pistas novas (o processo está arquivado desde o dia 2 de outubro de 1987) e o crime acabará sem punição em setembro de 1993, a não ser que ocorra um milagre.

Ana Lúdia era estudante do colégio Madre Carmem Salles, na L-2 Norte, onde foi vista pela última vez com vida. Depois de ser deixada pelos pais na porta da escola, a menina nem chegou a assistir às aulas.

Cerca de seis horas após o desaparecimento, um telefonema anônimo seria dado para a 2ª DP (Asa Norte) pelo provável sequestrador. Ele pedia Cr\$ 2 milhões como resgate e apresentou um choro de criança no telefone para comprovar que estava com Ana Lúdia. No dia seguinte, um bilhete datilografado seria encontrado na SAB da 404/405 Norte (perto do colégio), exigindo do pai da estudante a quantia de Cr\$ 500 mil.

A polícia se desdobrou para localizar Ana Lúdia. Alguns cadernos escolares da menor seriam encontrados perto do Grupamento de Fuzileiros Navais. Horas mais tarde, enquanto a polícia tentava um contato com o sequestrador, o guarda de vigilância do Grupamento de Operações Especiais, Antônio Moraes de Medeiros, descobria uma pequena valeta no cerrado, entre o Iate Clube e o Grupamento dos Fuzileiros Navais.

Ana Lúdia estava semi-enterrada, nua, com visíveis sinais de violência sexual e sem seus longos cabelos loiros, que lhe chegavam à cintura. Morreu por asfixia, com o rosto na terra e o tórax pressionado contra o chão, provavelmente pelos joelhos do homicida.

## ***Criminoso foi***

## ***reconhecido e***

## ***desapareceu***

Desde o início a população de Brasília imaginava que pessoas influentes poderiam estar envolvidas no assassinato de Ana Lúdia. Mas o primeiro suspeito passou a ser Álvaro Henrique Braga, irmão da vítima, e Raimundo Lacerda Duque, colega de trabalho dos pais de Ana Lúdia e amigo da família. Segundo os hábitos da menor, ela só saía do colégio acompanhada de pessoa conhecida. Álvaro chegou a ser reconhecido pelo jardineiro da escola como o rapaz que levou Ana Lúdia.

A suspeita sobre Álvaro e Duque era reforçada pela hipótese que a polícia estava trabalhando. O crime, acreditavam os policiais, poderia estar relacionado com vingança entre viciados e traficantes. Ambos tinham envolvimento com drogas. Duque, inclusive, armou uma fuga com documentos falsos quando soube que a polícia o tinha como suspeito. Os amigos foram levados a julgamento e absolvidos por falta de provas. Duque acabou condenado a 45 meses de reclusão por falsidade ideológica.